

«A rainha das histórias de amor  
que aquecem a alma.»

# Jill Mansell

Tu e Eu,  
Sempre

Nada pode ficar  
eternamente  
escondido.

TOP  
SEL  
LER

# Capítulo 1

**A**li estava ele, sentado ao sol à porta do Star Inn. Lily abrandou e estacionou a carrinha em frente à Goldstone House, ao lado do pub. Dan viu-a e acenou, e ela sentiu um aperto no estômago ao vê-lo, como acontecia sempre. Havia algo nos ângulos lânguidos do corpo dele, aquelas longas pernas envoltas numas calças de ganga pretas, esticadas para a frente, a inclinação da cabeça dele enquanto conversava ao telefone e se ria de algo que tinha sido dito.

Mas o aperto não significava nada, e Lily sabia-o. Tinha evoluído como uma espécie de reação pavloviana, um hábito que se tornara arraigado ao longo dos anos, simplesmente porque Dan Rafferty era tão atraente fisicamente. A vantagem era que o facto de ele saber que era atraente e de se aproveitar disso sempre que podia punha de parte a ideia de uma relação com ele na mente de qualquer pessoa com um pouco de juízo.

E uma vez que ela se encontrava no seu juízo perfeito, felizmente estava segura.

— Lily, Lily. — Os olhos de Dan semicerraram-se e ele levantou os óculos escuros para o alto da cabeça quando ela desceu da carrinha de um salto. — A minha miúda preferida em todo o mundo.

Estão a ver? Era assim que ele era.

— E tu és o miúdo mais irritante.

— Eu não sou um miúdo. Sou um homem.

Ele tinha 27 anos, era dois anos mais velho do que ela. Tecnicamente, podia ser um homem, mas quando duas pessoas se conhecem desde a infância, parece estranho.

— Costumavas pôr girinos no capuz do meu anoraque — disse Lily.  
— Para mim, vais ser sempre um miúdo. Afinal, onde está o teu carro?

— Em Chipping Norton. — Dan enviara-lhe uma mensagem de texto a perguntar se podia dar-lhe boleia para ir buscar o carro.

— Porquê? — Como se ela não o adivinhasse.

— É melhor não perguntares. O costume, basicamente. Bom vinho e mulheres más. Bem, uma mulher má que se aproveitou descaradamente. — Ele apontou para a chávena de café ainda cheia na mesa à sua frente. — Estás com pressa, ou posso oferecer-te uma bebida?

Lily olhou para o relógio. Eram 18h20. Tinha passado as últimas três horas a entregar uma mesa com tampo de mármore e um conjunto de chaminés vitorianas a um cliente em Chippenham, mas a sua jornada de trabalho tinha terminado e estava livre o resto da tarde.

— Está bem, quero uma *Coca-Cola*. — Ela juntou-se a ele à mesa, descolando a parte de trás da t-shirt das omoplatas e agitando a parte da frente para refrescar o peito enquanto Dan desaparecia no interior do bar, para pedir a bebida.

Quando ele voltou, ela pegou no copo e disse:

— *Tchin-tchin*, obrigada. A Patsy não podia dar-te boleia para ires buscar o carro?

— Ela saiu. Teve um encontro. Com um homem misterioso que conheceu na Internet.

Lily animou-se.

— Ooh, e como é que ele é?

— Não faço ideia. — Dan encolheu os ombros. — É por isso que se chama mistério. Ela não queria que eu o conhecesse.

— Bem, depois da última vez com aquele tipo de Chepstow, quem pode censurá-la?

— Welsh William. — Ele encolheu os ombros. — A culpa não foi minha. Foi ele quem me desafiou para um braço de ferro. Ele só estava a exhibir-se, a tentar provar que era muito forte.

— Podias tê-lo deixado ganhar — disse Lily.

— Eu? — Dan pareceu horrorizado. — Porquê? Ele era um idiota. De qualquer forma, a Patsy não ia querer alguém como ele.

O que era verdade. Ah, bem, talvez o novo seja melhorzinho. Lily remexeu os cubos de gelo no copo e bebeu um gole da *Coca-Cola*, parando por um momento quando a sua atenção foi atraída para um homem atarracado que vinha a pedalar numa bicicleta ao longo da rua principal diretamente na direção deles. Usava um capacete de ciclismo cor de laranja que contrastava com o rosto vermelho e as *leggings* de licra turquesa. Pedalando furiosamente, o homem parecia vir a falar sozinho.

Por essa altura, Dan já se tinha virado e também o observava. Só quando já estava mais próximo deles é que perceberam que não vinha numa bicicleta normal; era uma bicicleta de tandem. Também não estava a falar sozinho; estava a falar alto com o companheiro que pedalava atrás dele.

— ... e em setembro de 2013... ou talvez tenha sido em outubro, agora que penso nisso... seja como for, foi quando pedalei de Ravenglass a South Shields ao longo da Muralha de Adriano, e são 280 quilómetros no total, portanto, uma grande viagem, mas as vistas eram fenomenais... e depois, em março seguinte, fiz Devon de costa a costa, de Ilfracombe a Plymouth...

— Ups — sussurrou Lily quando o par se aproximou ainda mais e finalmente conseguiram ver quem seguia no selim de trás da bicicleta. Dan cuspiu o café e balançou para frente no assento. A pobre Patsy, claramente envergonhada enquanto o seu companheiro continuava a falar no volume máximo, viu o olhar dos dois e fez uma careta que parecia dizer *Meu Deus*.

E então passaram pelo pub, com as pernas a moverem-se em unísono enquanto os pedais giravam e os pneus faziam um ruído seco no asfalto quente e empoeirado. O companheiro de Patsy ainda estava voltado para a frente, a falar em voz alta para benefício dela, enquanto a informava da importância de manter um ritmo constante.

O que fez Dan, previsivelmente, rir baixinho. Enquanto o par prosseguia a sua viagem, Patsy olhou para eles por um momento, abanou a cabeça em desespero e murmurou a palavra: *Socorro*.

Oh, céus, mas era difícil não rir. No entroncamento ao fundo da rua principal, os semáforos ficaram vermelhos e a bicicleta desacelerou obedientemente até parar. Deixaram-se ficar a ver Patsy a pôr os pés no chão e a virar-se para lhes lançar uma expressão de embaraço e infelicidade, enquanto o seu companheiro continuava o seu monólogo ruidoso.

— Como é que ela consegue meter-se nestas situações? — maravilhou-se Dan. Gesticulou para a irmã, imitando o gesto de saltar para fora da bicicleta.

Lá à frente, transferindo o peso para os pés e levantando o tra-seiro do selim, Patsy soltou o guiador. Os semáforos mudaram para amarelo e depois para verde. O companheiro dela fez pressão nos pedais da frente e a bicicleta tandem afastou-se, deixando Patsy de pé na estrada atrás dele. Evidentemente ainda fascinado pelo som da sua própria voz, e alheio ao facto de ter perdido a parceira de pedala-da, o homem que fora o encontro de Patsy continuou a avançar pela estrada.

Dan tirou uma fotografia rápida com o telemóvel antes que a bicicleta desaparecesse completamente. Sorriu para Lily e disse:

— Ah, lindo. Já temos a fotografia para os cartões de Natal.

Patsy ficou parada no meio da estrada e observou Derek a pedalar energeticamente sem ela. Achava incrível que ele não tivesse notado que ela desaparecera.

Porque é que aquele tipo de situações parecia sempre acontecer-lhe a ela? Derek parecia tão *simpático* nos e-mails. Não lhe dera o menor motivo para suspeitar que fosse um fanático do ciclismo com um conhecimento profundo e detalhado de todas as ciclovias do Reino Unido e uma paixão por partilhar *todas* essas informações com ela num monólogo monocórdico e com o volume no máximo.

Se tivesse percebido, toda a relação poderia ter sido abreviada antes de ter começado a florescer. Algumas mulheres podem não se importar com a ideia de passar a vida na parte de trás de uma bicicleta de tandem, mas Patsy não era certamente uma delas.

Suspirou e afastou os fios soltos de cabelo que tinha colados à testa. E agora Dan e Lily estavam a fazer-lhe sinal para que se aproximasse, sem dúvida achando a sua situação hilariante. O que ela deveria ter feito, claro, era dar uma palmadinha no ombro de Derek, explicar educadamente que era melhor desistirem já, dar-lhe um aperto de mão, dizer-lhe adeus e desejar-lhe a melhor sorte para o futuro.

Esse teria sido o procedimento normal, a maneira digna de o fazer. Oh, céus, coitado do Derek. Ela não devia mesmo ter feito aquilo. Mas, ao mesmo tempo, coitada *dela*.

## Capítulo 2

— Muito bem — disse Dan quando Patsy os alcançou. — Primeiro, vamos ao que é mais importante. Ele sabe onde vives?

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Combinámos encontrar-nos no café do centro de jardinagem. Ele já estava à minha espera quando cheguei, por isso eu não sabia da bicicleta.

Dan levantou uma sobrancelha.

— Queres dizer que as *leggings* de licra turquesa não denunciaram?

Patsy fez uma careta na direção do irmão, oito anos mais novo, mas irritantemente com muito mais controlo sobre a sua própria vida do que ela.

— Estavam escondidas pela mesa, se queres mesmo saber. Conversámos uns dez minutos e ele disse algo sobre fazer um pouco de exercício e explorar a área, mas eu pensei que íamos fazer uma caminhada e que fora por isso que ele me dissera para vir de calças e sapatos rasos.

— Patsy, que gostava mesmo era de usar saltos altos, apontou para as sapatilhas de couro cor-de-rosa estilo bailarina que tinha calçadas; e pensar que as tinha comprado especialmente para o encontro daquele dia.

— Mas em algum momento ele há de ter-se levantado, o que significa que viste o que ele tinha vestido. E depois levou-te lá para fora e mostrou-te a bicicleta. E não é um eufemismo — disse Dan. — E ainda assim, decidiste subir para ela.

— Pois, essa é a diferença entre nós. Tu simplesmente não entendes — disse Patsy. — Se tu não queres fazer algo, não o fazes. Mas quando acontece comigo...

— Tiveste vergonha de dizer «não». — Lily saltou em defesa dela.

— Exatamente.

— Tens a compulsão de agradar a toda a gente.

— Sim! — E isso era assim tão mau? Quando uma pessoa era cabeleireira, isso era mais ou menos garantido. Se não agradasse às pessoas, não duraria muito no trabalho.

— Ela não queria ferir os sentimentos dele — disse Lily a Dan, que claramente se preocupava menos com os sentimentos dos outros.

— Nesse caso, deixa os próximos minutos a meu cargo. — Com um aceno de cabeça na direção do fim da estrada, Dan disse: — Ele está a voltar para cá.

Porra, e estava mesmo. Patsy disse:

— Não quero vê-lo! — Mas se tentasse desaparecer para dentro do pub agora, Derek ia vê-la a fugir dele.

— Anda, entra na carrinha. — Tendo claramente considerado todos os ângulos, Lily destrancou as portas. — Ele não te vai conseguir ver daqui.

Abaixando-se, com o coração a bater acelerado, Patsy esgueirou-se para a parte de trás da carrinha, fechando a porta quase completamente atrás de si com apenas poucos segundos restantes. Ela ouviu o barulho dos travões da bicicleta e o ruído dos pneus quando Derek parou a menos de dois metros de distância. O seu rosto não estava visível — felizmente —, mas através da fresta da porta conseguia ver Lily e Dan.

— Olá. — Derek fez uma pausa e aclarou a voz. — Ahhh... Eu queria saber se viram a minha parceira de ciclismo. Ela estava comigo quando passámos por aqui há uns minutos. Tem cabelos escuros, camisa cor-de-rosa, calças de ganga...

— E conseguiste perdê-la pelo caminho? — Dan parecia divertido.

— Bem, sim. Parece que sim.

— Na verdade, sim, vimo-la — disse Dan. — Ela passou a correr a grande velocidade, naquela direção. — Ele apontou para a direita. — Ela ia a falar ao telemóvel, estava a chamar um táxi.

— Ah. OK.

— Mas ao menos isso significa que ela não caiu da parte de trás da bicicleta. Não precisas de enviar uma equipa de busca e salvamento nem de ficares a perguntar-te se estará morta numa vala.

— Hum. — O encontro de Patsy não pareceu particularmente aliviado.

— Oh, meu Deus. É a tua mulher?

— Credo, não. Graças a Deus — bufou Derek.

Encantador. Embora dadas as circunstâncias, ele tivesse razão para estar um pouco zangado.

— Gosto das tuas *leggings*. — Mudando de assunto, Dan perguntou inocentemente: — Onde é que as compraste?

— Estes? Ah, bem, são de uma empresa especializada em roupa de desporto, compro-as pela Internet e...

— Não! *Barbara*, anda cá! — exclamou Lily. Patsy escutou o som repentino de patas, acompanhado por um ganido muito entusiasmado. — *Barbara*, não faças isso, *desce*...

Tarde demais. Patsy fez uma fútil tentativa de prender a porta traseira da carrinha, mas não havia pega do lado de dentro. Uma enorme pata preta abriu facilmente a porta e *Barbara* apareceu, a ladrar em reconhecimento alegre e a abanar a cauda.

Patsy ficou para morrer. Uma vez, anos antes, ela estava a fazer chichi nos lavabos do comboio quando, sem aviso, a porta automática se abria.

Isto era pior.

Derek olhou para a carrinha e ela sentiu a pele a arrepiar-se de vergonha. Uma vez que *Barbara* estava agora a tentar subir para se juntar a ela, Patsy desceu da carrinha.

— Desculpa — disse ela.

— Bem podes dizê-lo. — Ele ainda estava montado no selim da frente da bicicleta, com o rosto pétreo. — Pensei que íamos dar um agradável passeio de 30 quilómetros.

O que era a exata definição de incongruência. No entanto, ela mostrou-se arrependida.

— Eu sei. Não sou grande ciclista.

Ele espetou o queixo.

— Devias ter-me dito.

— Eu não queria magoar-te.

— Só por curiosidade — interrompeu Dan —, porque é que não a avisaste de que ias aparecer no encontro com uma bicicleta de tandem?

Derek lançou-lhe um olhar impaciente.

— Porque ela teria inventado uma desculpa qualquer e ter-se-ia esquivado. É o que fazem todas. É o tipo de atividade que é preciso experimentar primeiro, para *depois* nos apaixonarmos. Estou a falar a sério. — O suor escorria-lhe da testa avermelhada enquanto ele balançava vigorosamente a cabeça, e os olhos pálidos brilhavam de fervor. — Não há nada melhor no mundo do que andar de bicicleta.

Pessoalmente, Patsy achava que um gin tónico batia aos pontos um passeio de bicicleta. Encolheu os ombros e disse:

— Seja como for, lamento ter fugido.

— Não foi grande perda. — Derek parecia desdenhoso. — Também não és o meu tipo. Para ser sincero, não gosto especialmente de raparigas que usam maquilhagem. A culpa não é tua — corrigiu. — Eu devia tê-lo escrito no anúncio.

Patsy assentiu.

— Teria sido boa ideia. — E ela deveria ter estipulado que não estava interessada em ninguém que usasse *leggings* de licra turquesa. — Bem, então adeus.

— Adeus. E para saibas, se alguém perguntar como foi o nosso encontro, não vou poder dar-te uma boa avaliação.

— OK. — Patsy achou que era mais do que justo, era uma bênção. Em voz alta, disse: — Eu mereço.

Juntos, observaram Derek, pela segunda vez, a pedalar pela rua abaixo.

— E lá vai mais um — comentou Dan.

*Barbara*, o enorme *labrador* preto que pertencia a um dos clientes regulares do pub, pousou a pata no joelho de Patsy como se quisesse mostrar-se solidária com o seu trágico estado de solteira permanente.

— Eu pedi-lhe para não atravessar a vila, mas ele ignorou-me. — Patsy reviveu o seu horror quando percebeu que ele ia fazer o que queria ainda assim. Quando se vai na parte de trás de uma bicicleta de tandem, não se tem muita escolha.

— Acho que não quero falar mais contigo. — Dan estava a abanar a cabeça para ela. — Sua meretriz desavergonhada, a cobrir a cara de... *blherc*, toda essa *maquilhagem* nojenta.

Patsy pegou numa base para copos em cartão e atirou-lha. Para sua frustração, ele empregou os seus reflexos rápidos para a apanhar e, em seguida, atirá-la ao ar para que *Barbara* pudesse saltar e abocanhá-la.

— Anda. — Lily terminou a sua bebida e levantou-se, gesticulando para Dan e agitando as chaves. — Vamos levar-te ao teu carro.

Dan levantou-se e deu um abraço a Patsy.

— Então, tchau. Vemo-nos daqui a algumas semanas. E não te preocupes, há de haver por aí alguém decente. E nós vamos encontrá-lo para ti.

Ela abraçou-o também; podiam provocar-se constantemente, mas ele era o seu irmão mais novo — embora fosse 30 centímetros mais alto do que ela — e ela adorava-o.

— Não te preocupes comigo. Eu estou bem. E tu, cuida de ti. — Recuando, ela abanou a cabeça para ele. — Ainda não consigo acreditar que te deixam pilotar aviões de verdade.

Dan sorriu.

— Isso não é nada. Eu nem acredito que permiti que me cortasses o cabelo.

Ele guardou a mala de viagem na parte de trás da carrinha, fez uma festa nas orelhas de *Barbara* em jeito de despedida e saltou para o banco do passageiro. Lily, ligando o motor, inclinou-se para fora da janela do lado do condutor e disse:

— Até amanhã.

No dia seguinte era o aniversário dela; Lily ia fazer 25 anos. Patsy sorriu, porque todos sabiam que ia ser um dia importante. Ela assentiu e acenou para os dois.

— Oh, sim, vemo-nos sem dúvida amanhã.

A carrinha afastou-se e desapareceu na estrada. *Barbara*, ofegante do calor e agora à procura de sombra e de uma tigela de água fria, voltou para o pub. E *Patsy*, deparando-se com uma noite inesperadamente livre, partiu em direção a casa.

Quando entrou na pequena casa, o telefone começou a tocar. Surpreendida pelo nome no ecrã, atendeu e disse:

— Rosa, olá! Como está tudo? Há *tanto tempo!*

Rosa fora sua empregada no salão de cabeleireiro há uns anos. Agora vivia em Londres com o marido motorista de táxi e os seus três filhos pequenos, mas mantivera o contacto através do *Facebook*, apesar de já não se verem desde o nascimento do filho do meio. As boas intenções estavam sempre presentes, mas — como sempre acontecia — a vida e o trabalho simplesmente metiam-se no caminho.

— Está tudo ótimo! — Rosa parecia muito animada. — OK, ouve, preciso de te perguntar uma coisa. E pode parecer um pouco estranho, mas prometo que não é estranho num mau sentido.

— OK... — Intrigada, *Patsy* pegou no prato coberto de migalhas e no invólucro vazio de *Twix* que Dan deixara na mesa de centro; sinceramente, para quem comia tanta porcaria, ele não tinha um pingão de gordura. — É sobre o quê?

— Um amigo de uma amiga precisa de um favor. Nada ilegal. Mas tem de ser alguém que saiba guardar um segredo. — Rosa fez uma pausa e, ao longe, outro telefone começou a tocar. — Foi por isso que pensei em ti.

## Capítulo 3

Um pássaro chilreava na madressilva do lado de fora da janela do quarto de Lily. Coral provavelmente saberia que tipo de pássaro era, mas Lily não fazia a menor ideia. Parecia muito alegre, sem dúvida. Ela abriu os olhos e viu, através do clarão de luz que entrava pela abertura das cortinas, que ia ser outro dia quente e ensolarado.

*É o meu aniversário. Tenho 25 anos!*

*E muita sorte...*

Deslizou para fora da cama, sabendo que quando abrisse a porta, a bandeja estaria do lado de fora. Estava sempre; ao longo dos anos, tornara-se uma tradição que nunca falhava.

E de facto lá estava, no tapete cor de vinho, a bandeja de prata retangular com um único botão de rosa numa pequena jarra de prata, um copo de sumo de laranja acabado de espremer, um envelope fechado e um pequeno pacote achatado envolto em papel amarelo e prateado, e atado com fitas prateadas encaracoladas.

Da sua mãe.

Lily dobrou-se, pegou na bandeja e cuidadosamente levou-a de volta para o quarto, pousando-a na mesa de cabeceira para que nada caísse. Do andar de baixo chegavam-lhe sons de movimentos, o tilintar de porcelana, o murmúrio de vozes na rádio, portas a abrir e a fechar.

Mas isto, agora, era privado, para ser partilhado por ela e pela sua mãe. Apenas elas as duas.

Pela última vez.

Lily bebeu um gole de sumo de laranja e abriu o envelope. Enquanto todas as outras cartas tinham sido escritas em papel grosso lilás, esta estava escrita numa folha branca A4 simples. Mas a caligrafia era a mesma, imediatamente reconhecível com os seus arcos e remoinhos extravagantes. Ela deslizou as pontas dos dedos sobre o papel, a primeira pessoa a tocá-lo desde que a sua mãe escrevera as palavras, e depois aproximou-o do nariz e inalou para ver se retinha algum cheiro reconhecível.

Não, só cheirava a papel.

OK, cá vai. Respirou fundo e começou a ler.

*Olá, minha querida menina, e um feliz aniversário para ti! Fazes hoje 25 anos e desejo-te todo o amor e felicidade do mundo. (Vou confiar em ti e acreditar que não abriste as cartas antes do tempo. É uma possibilidade, e não importa que o tenhas feito, mas ainda espero que tenhas conseguido controlar a tua impaciência e esperar, para eu poder conversar com a minha filha de 25 anos. De mulher para mulher!)*

*Pergunto-me se te pareces comigo? O teu cabelo ainda é longo e com caracóis muito cerrados? É tão difícil imaginar como és agora, mas tenho a certeza de que és gentil, atenciosa, afetuosa e bonita por dentro e por fora. Espero que a tua vida seja tão feliz quanto mereces. Já encontraste um parceiro maravilhoso? És casada? Talvez tenhas um filho... uau, que ideia incrível! Eu posso ser avó por esta altura! Bem, se sou, aposto que és uma mãe fantástica. (E se não tens filhos, és igualmente fantástica.)*

Uma lágrima correu pelas faces de Lily. Fez uma pausa e enxugou-a. Conseguia ouvir a voz da mãe tão claramente que era quase como se ela estivesse ali no quarto, a dizer-lhe aquelas palavras.

Lily continuou a ler:

*Eu não sabia durante quanto tempo devia continuar a escrever-te pelo teu aniversário, querida. Uma parte de mim queria continuar*

*até teres 100 anos! Mas parece que a decisão foi tomada por mim, já que os últimos dias não foram muito bons. Estou a escrever-te do hospital (por isso o papel é menos glamoroso) e está a tornar-se mais difícil manter a concentração. Eles estão a aumentar a dose de morfina, portanto, vou dormir muito mais, a partir de agora. E não quero começar a escrever tolices, o que me dá mais um motivo para fazer desta a minha última carta.*

*Também tenho um pequeno presente para ti! Está aí? Já o abriste? Se não o abriste, deixa-me explicar que embora não tenha custado muito, é o meu bem mais precioso — para além de ti, claro, minha querida filha — e é por isso que quero que o recebas agora. Foi-me dado no meu 19.º aniversário pelo Declan Madison. Ele foi o meu primeiro amor e — como viria a descobrir — o único amor da minha vida. Como eu gostaria que a nossa relação tivesse durado — apesar de, se isso tivesse acontecido, eu nunca me envolveria com o teu pai e não te teríamos tido! (Outra coisa que me pergunto — algum dia vais conhecer o teu pai? Estão em contacto um com o outro? Será que ele acabou por revelar que afinal não era assim tão mau? Tantas perguntas!)*

*De qualquer forma, estou a passar para ti o que o Declan me deu, e espero sinceramente que te agrade. A Coral falou-te dele? De certeza que sim. Ele era realmente um rapaz adorável. Divertimo-nos imenso juntos — simplesmente não era a altura certa. E se é estranho pensar que tens agora 25 anos, é igualmente estranho imaginar o Declan com 48. É muito!*

*Espero que ainda estejas em contacto com a Coral e o Nick. E com a Patsy também! Espero ter escolhido as pessoas certas para cuidarem de ti, minha querida. Fiz o melhor que pude. Acima de tudo, gostaria de ter ficado contigo, mas infelizmente não foi possível.*

*Obrigada por seres a luz da minha vida, a melhor coisa que me aconteceu. Desejo-te todo o amor, saúde e felicidade.*

*Feliz aniversário, minha linda Lily.*

*Todo todo todo o meu amor eterno, querida.*

*Tu e eu, sempre.*

*Mãe*

E pronto, as lágrimas já estavam a cair pelo rosto de Lily. Todas as cartas terminavam com as mesmas palavras: *Tu e eu, sempre*. Ela e a mãe tinham dito as mesmas palavras uma à outra, todos os dias antes de irem dormir; fora o seu mantra, a sua promessa secreta uma para a outra. Independentemente do que pudesse acontecer — e *aconteceria* — nada podia quebrar o laço que as unia.

Ela ia reler repetidamente a carta nos anos seguintes, mas nunca mais poderia lê-la pela primeira vez. Era por isso que sempre preferia abrir os envelopes em privado. Quando terminava e tinha a possibilidade de se recompor, descia as escadas e começava o resto do seu aniversário.

Esfregando os olhos e o rosto molhado na bainha da t-shirt, Lily pegou no presente embrulhado e desatou cuidadosamente o laço prateado. Nos últimos 17 anos, a fita-cola perdera a viscosidade e adquirira uma coloração castanho-clara; quando lhe tocou, ela soltou-se sob o seu toque.

Desdobrou o papel de embrulho às riscas, e depois o ninho de tecido por baixo dele. A pulseira era estreita e prateada, adornada aleatoriamente com minúsculas pedras cintilantes que dificilmente seriam diamantes. Mas era bonita e refletia a luz enquanto a virava de um lado para o outro. E também tinha uma lembrança vaga dela; memórias vagas dos primeiros anos da sua infância começaram a vir à tona, de quando explorava as gavetas do quarto e as caixas que continham várias joias, de ver e experimentar a pulseira, que na altura era demasiado grande para ela. Nessa altura, aos 5 ou 6 anos de idade, preferia pendurar fios de contas em volta do pescoço e mexer nos saltos altos da mãe, fingindo já ser crescida.

Alguns meses depois, a mãe adoecera e os tempos difíceis começaram. Lily sabia agora quão difícil devia ter sido para todos, tentar protegê-la do pior e fingir que as coisas não eram tão más como realmente eram. A sua mãe fizera o melhor que podia para continuar a fazer o máximo possível de coisas com ela, entre os repetidos internamentos no hospital. Coral e Nick perguntaram-lhe de que cor gostaria que o seu novo quarto fosse, e redecoraram-no em conformidade,

para quando ela passava alguns tempos com eles. E Patsy, a sua ama, mimava-a até mais não, levando-a em passeios de um dia, criando caças ao tesouro e mantendo-a entretida quando — sejamos francos — a maioria das raparigas de 18 anos preferia andar atrás de rapazes e divertir-se com os amigos da sua idade.

Quando a sua mãe finalmente morreu, entre todos, cobriram-na com tanto amor genuíno que ela nunca teve de se preocupar com o que lhe viria a acontecer. Tudo fora tratado; tudo tinha sido resolvido. Coral e Nick acolheram-na em sua casa, dando-lhe espaço para fazer o luto, mas estavam sempre ali para ela, ajudando-a pacientemente a estabelecer-se na sua nova vida com eles. Claro que sentia falta da mãe, mas estava rodeada de carinho e afeto e, com o passar do tempo, a dor diminuiu. Podia já não ter a sua mãe biológica, mas Coral fora, sem dúvida, a melhor substituta.

Lily enfiou a pulseira de prata no pulso esquerdo e olhou para a fotografia emoldurada na mesa de cabeceira. A fotografia fora tirada ali, no jardim da Goldstone House, no seu primeiro aniversário, era ela ainda um bebé careca e radiante, com poucos dentes. Ali estava ela toda contente, sentada no colo da mãe, com Nick e Coral de um lado, e Patsy a rir enquanto tentava, futilmente, agarrar uma criança desfocada que era, na verdade, Dan a correr com uma pistola de água em cada mão e um pequeno cão no seu encalço.

Lily não se lembrava do dia, claro. Mas era uma das suas fotografias favoritas, porque todos pareciam tão felizes e descontraídos.

Ela *tivera* sorte. A tragédia podia ter impactado a sua vida, mas tinha conseguido superá-la. E Coral, por seu lado, estivera lá para ela.

Por isso, 24 anos depois daquele primeiro aniversário, ainda se sentia muito feliz por estar ali.

## Capítulo 4

Lily encontrou Coral no terraço, com o regador apontado aos cestos que estavam pendurados do lado de fora das janelas. Virando-se ao ouvir o som dos passos de Lily atrás de si, acabou por regar os próprios pés descalços.

— Querida, feliz aniversário! — Pousando o regador, ela aproximou-se e estendeu os braços. Elas abraçaram-se, e depois Coral afastou-se para poder ver o rosto de Lily. — Como estás? Está tudo bem?

Lily assentiu.

— Estou bem. Sabes como é, um pouco emotiva, mas também é bom. — Apontou para o envelope que tinha na mão. — Podes lê-la. E este foi o presente. — Levantando o outro braço, Lily mostrou a Coral a pulseira no seu pulso. — Tenho uma vaga ideia de que costumava estar na gaveta da cómoda.

— Também me lembro disso. E eu sempre quis saber o que tinha sido feito dela. — Admirando a pulseira, Coral assentiu e disse: — Esteve este tempo todo embrulhada, à tua espera.

— Foi um presente do namorado dela quando tinha 19 anos. Do Declan.

— Sim. — Coral sorriu, pegando na carta. — Ele foi o primeiro amor da Jo. Ela sempre se referiu a ele como o que lhe escapou.

Lily assentiu com a cabeça. Já tinham falado sobre ele, claro está, muito embora Coral nunca tivesse conhecido Declan. Depois de deixar

a escola, a sua mãe tinha tirado um ano sabático, durante o qual viajara para Espanha e conhecera Declan, numa época em que ambos trabalhavam num restaurante nas Ramblas, em Barcelona. Passaram onze meses juntos, desfrutando da companhia um do outro, da vida social e da energia da capital da Catalunha. Tudo fora perfeito até à hora de regressarem ao Reino Unido e assumirem os seus lugares na universidade, Declan em St. Andrews e a sua mãe em Exeter.

Foi quando o problema perene surgiu: seriam capazes de manter uma relação à distância quando a distância em questão era de mais de 600 quilómetros?

A resposta acabou por ser não; teria sido muito difícil, a distância era grande demais. Houve uma agonia infinita, lágrimas foram derramadas e a desesperança da situação foi discutida várias vezes. Mas por fim admitiram a derrota e concordaram seguir caminhos separados. O caso amoroso terminou.

A sua mãe, claro, acabou por conhecer outra pessoa e engravidou acidentalmente. Quando o novo namorado soube da gravidez, deixou de querer estar com ela. Por isso, a sua mãe, devastada, mas demasiado orgulhosa para implorar, fizera-lhe a vontade.

Que homem encantador.

Mas também, quem é que precisava de um homem assim na sua vida? Teria de estar louca ou desesperada. Lily fez o que sempre fizera e apagou os pensamentos acerca do pai da sua mente. Em vez disso, observou Coral enquanto ela terminava de ler a carta. Quando chegou ao fim, lágrimas não derramadas brilhavam-lhe nos olhos e puxou Lily para si, para outro abraço.

— As cartas soam exatamente como ela falava. É como se eu pudesse ouvi-la a dizer cada palavra.

Lily assentiu.

— Eu sei.

— É uma carta linda — disse Coral. Olhou para o relógio. — Daqui a 40 minutos temos de abrir. É melhor entrarmos. *Pode* haver mais cartões e presentes para abrir na cozinha.

Acabou por se revelar uma manhã agitada; podia ser o seu aniversário, mas ainda havia trabalho a fazer. Quando Coral e Nick herdaram a Goldstone House dos pais de Nick, também assumiram o negócio. A Goldstone Salvage & Treasure era uma empresa turística focada em recuperação de salvados que atraía visitantes de uma distância de vários quilómetros. Amadores e profissionais chegavam a Stanton Langley em busca de objetos para as suas casas, jardins e empresas. Não havia dois dias iguais; nunca se sabia quem estaria a comprar ou a vender, ou o que poderia passar pelo armazém. Lajes, vigas de madeira e antigos radiadores franceses disputavam o lugar com lustres gigantes, lareiras antigas, esculturas de jardim e artigos ecléticos de companhias de teatro e cenários de filmes antigos. Ao lado de uma seleção de armações de cama ornamentadas e bancos de igreja havia um cone de um caça *Tornado*. Havia gárgulas de pedra entre janelas gradeadas e um portão de ferro fundido. Painéis de madeira e marcos de correio vermelhos originais misturavam-se com uma gigantesca cama em forma de cisne e estátuas em tamanho natural dos Adam and the Ants.

Era meio-dia. Lily acabara de ajudar um homem a carregar um lavatório de mármore italiano para a parte de trás do seu *Volvo*.

— Bem, estou impressionada. — A esposa do homem assentiu com a cabeça em admiração. — Não acredito que acabaste de fazer isso.

— Eu sei, sou mais forte do que pareço. Pronto, está tudo. — Lily limpou as mãos aos calções e acenou para o casal quando o telemóvel no seu bolso começou a tocar.

— Lily! Feliz aniversário — disse Dan.

— Olá! Obrigada pelas flores. São lindas. — A florista entregara-as uma hora antes, uma explosão tipicamente exagerada de estrelícias, rosas amarelas deslumbrantes, gerberas roxas e peónias fúcsia do tamanho de pratos.

— Então já chegaram? Boa. Pedi cardos, urtigas e alguns dentes-de-leão.

— Foi exatamente o que me entregaram.

Ele riu-se.

— Ouve, não foi por isso que te liguei. Fiz asneira e preciso me ajudar.

— Espatifaste o avião? Porque se queres que eu assuma a culpa e confesse que era eu que estava a conduzir nessa altura, eles podem desconfiar.

— Se usares a palavra *conduzir*, são bem capazes de desconfiar que não és um piloto qualificado — retorquiu Dan.

— A sério, vocês são mesmo picuinhas. Vamos, diz lá — pediu Lily.  
— Conta-me o que fizeste.

— Pronto, está bem. Comprei bilhetes para um concerto da Beyoncé para oferecer à Patsy pelo seu aniversário e chegaram ontem. Verifiquei que estava tudo em ordem e pensei em guardar o envelope na minha mala, para a Patsy não os encontrar. Mas vasculhei a mala hoje de manhã e o envelope não está lá. Portanto, tem de estar em algum lugar no meu quarto. Devo tê-lo atirado e falhado o alvo, e agora deve estar no chão por baixo da cama.

— Ah — disse Lily. Patsy era muito obsessiva com o aspirador, até aspirava partes da casa que não se viam.

— E se eu lhe disser que há uma coisa debaixo da cama, mas que ela não pode olhar, ela vai...

— Olhar. — Lily assentiu; a capacidade de resistir à tentação nunca fora um dos pontos fortes de Patsy.

— Exatamente. E o envelope dos bilhetes está coberto de fotografias da Beyoncé. Por isso, achas que podes ir buscá-los e escondê-los? Ou melhor ainda, tirá-los da casa?

— Claro que sim, trato disso esta tarde.

— És a maior — Dan fez uma pausa. — Como foi a carta da tua mãe?

Comovida por ele ter perguntado, Lily respondeu:

— Muito bonita.

— Que bom. Bem, é melhor eu despachar-me. Parece que os passageiros estão a ficar inquietos porque ainda não descolámos.

— OK, está bem. Tchau. — Ela sorriu, porque ele nunca lhe ligaria do avião enquanto esperava na pista.

Mas um minuto depois de desligar, recebeu uma mensagem com uma fotografia em anexo, de Dan com o seu uniforme de piloto vestido e com os auscultadores na cabeça, a sorrir para ela do seu lugar no *cockpit* enquanto segurava um papel no qual estava rabiscado a caneta de feltro vermelha: FELIZ ANIVERSÁRIO, QUERIDA SALVADORA DE BILHETES, FELIZ ANIVERSÁRIOOOOOO! X

## Capítulo 5

Patsy estava a ter dificuldade em concentrar-se, por causa do segredo gigante que atualmente ocupava a sua mente. O seu coração deu um pulso quando Erica Braithwaite disse, de repente:

— Então, quem era aquele tipo ontem?

OK, relaxa, ela disse *ontem*. O segredo não tinha sido revelado; Erica estava a falar de Derek. Suspirando de alívio, Patsy viu que estava a ser observada através do espelho à sua frente. Por todo o salão, sentiu as antenas das outras clientes a começarem a levantar-se. Era o problema de ter espelhos por toda parte; não tinha como se esconder.

— Que tipo? — Não fazia sentido fazer-se desentendida, mas fê-lo ainda assim. Com um bocado de sorte, pareceria envergonhada e não alguém que estava a esconder um segredo sobre outra pessoa.

Mas, céus, como era stressante. Como é que os polícias à paisana conseguiam fazer aquilo?

— Vá lá, minha querida, sabes bem a quem me refiro — disse Erica. — O da bicicleta de tandem.

Bem, talvez um pouco de distração lhe fizesse bem.

Do outro lado do salão, Will fingia não estar a ouvir, enquanto continuava a pentear o cabelo recém-pintado de Jess Carrington.

— Foi um primeiro encontro — disse Patsy. — Acho que é seguro afirmar que não haverá segundo.

— Ah, coitada. Já te deu com os pés, foi?

— Não! — Sinceramente, às vezes a vontade de deixar a tesoura escorregar e apanhar a ponta de uma orelha era quase irresistível. — Fui eu que decidi que não queria voltar a vê-lo. Não era o meu tipo.

— Bem, ele parecia um bocado estranho, na verdade — comentou Erica. — Mas a cavalo dado não se olha o dente, não é?

As pessoas de idade eram todas iguais, ou os idosos de Stanton Langley seriam ainda piores?

— Obrigada, Erica — disse Patsy. — Mas *não* estou desesperada e tenho *sempre* escolha.

— Tens a certeza, querida? — Mary Southam, ao pé da fileira dos lavatórios, largou uma gargalhada gutural. — O problema é que, no que diz respeito aos homens, não tens feito as melhores escolhas.

Aquilo causou uma gargalhada geral. Algumas piadas nunca perdiam a graça. Patsy tinha consciência de que era uma fonte de entretenimento para muitas das suas clientes regulares. E não havia malícia nas suas brincadeiras; simplesmente achavam a situação dela hilariante.

O que até se aceitava, na verdade; aos olhos de qualquer observador externo, a situação dela era verdadeiramente cómica.

Will não se envolveu na conversa, mas quando Patsy olhou para ele uma vez mais, percebeu que ele estava a esforçar-se para não rir.

— Will? — Patsy chamou do outro lado do salão. — Quando comesças a cortar o cabelo da Mary, certifica-te de que deixas a franja torta.

Mais gargalhadas, e depois a conversa geral foi retomada, deixando Patsy a perguntar-se se a vida de alguém alguma vez acontecia de acordo com o planeado. Lembrou-se dos seus 20 e poucos anos, estava tão certa de que a sua vida seria assim. Algumas pessoas gostavam de ficar solteiras, de ter aventuras sem compromissos, quanto mais parceiros, melhor. Mas ela nunca ansiara por esse tipo de aventuras, sabia desde muito cedo que tudo o que realmente queria era encontrar o homem certo e assentar, casar e ter filhos, ser normal, feliz e mediana, como uma família num livro de histórias para crianças...

Ah, sim, a vida de solteira nunca fora para ela. No que diz respeito às relações, o fim da sua adolescência e início da idade adulta tinha

sido confuso e insatisfatório, até que, aos 23 anos, conhecera Sean e o ansiado romance de livro de histórias começara milagrosamente a tornar-se realidade. Ela tinha ido com os amigos a um baile num clube de rãguebi, e Sean tinha-se aproximado dela com uma conversa tipicamente juvenil, confessando que sabia que ela não iria querer nada com ele, mas se podia fazer o *favor* de o salvar do ridículo dos seus companheiros e deixá-lo oferecer-lhe uma bebida?

Acabou por ser uma noite excelente. Sean era adorável, com cabelos louros ondulados e um sorriso lindo. Tinha o nariz partido, o que só acrescentava caráter ao seu rosto largo e de traços vincados, e ombros largos como convinha a qualquer jogador de rãguebi que se prezasse. Deram-se bem logo à partida. Ela riu-se das piadas terríveis dele e ele, por seu lado, fez-lhe elogios e pareceu sincero. Dançaram juntos, não muito bem, mas com muito entusiasmo. E no final da noite, ele beijou-a e disse: «Meu Deus, és incrível, não acredito que isto está a acontecer... Eu não fazia ideia de que esta ia ser a melhor noite da minha vida.»

Patsy mordeu o lábio ao visitar a lembrança; mesmo agora, tantos anos depois, ainda se lembrava dos comentários dele, quase palavra por palavra. Na altura, memorizou-os, sentindo que a sua vida estava prestes a mudar de uma maneira importante. Até fantasiava que um dia poderia contar às suas filhas adolescentes tudo sobre a noite mágica em que os pais se conheceram. E as meninas iriam rir e soltar guinchinhos, fingindo-se horrorizadas com a ideia de que a mãe e o pai tinham sido jovens, mas secretamente adorariam ouvir a história de como a sua família feliz tinha nascido.

Só que a família feliz nunca chegou a nascer. Nos primeiros anos juntos, ela pensou que estava tudo bem, mas acabou por descobrir que, para um casamento realmente funcionar, *ambos* os parceiros tinham de estar felizes com ele.

E foi esse o obstáculo. E também foi um choque, descobrir que o seu marido corpulento e barulhento e alegre se apaixonara por outra pessoa...

— A aniversariante está a caminho. — Da sua posição junto à da janela, Will levantou a voz para se fazer ouvir por cima do ruído do

secador de cabelo que agora empunhava. — Não marcou hora para nada, pois não?

— Não. — Grata pela distração, Patsy esticou o pescoço para ver Lily atravessar a rua. O seu espírito animou-se ao vê-la, aquela juba extravagante de caracóis louros a saltitarem em volta dos ombros, os olhos castanhos brilhantes. Usava uma t-shirt azul-escura da Goldstone com o logótipo a dizer *Salvage & Treasure* na parte da frente, uns calções brancos e chinelos azul-claros. As suas pernas eram magras e bronzeadas de passar tanto tempo ao ar livre. Já estava a acenar para Will através da montra, enquanto se aproximava do salão. E todos os que estavam lá dentro se viraram para a cumprimentar de sorriso no rosto, quando ela abriu a porta.

Lily era a menina querida de Stanton Langley; todos a amavam e protegiam depois da trágica perda da sua mãe. A expressão «é preciso uma aldeia para criar uma criança» acabou por se revelar absolutamente verdadeira no caso de Lily. Ao longo dos anos, todos tinham feito a sua parte, contribuindo com os seus conhecimentos especializados. Kath, da quinta de Derring, ensinara-a a alimentar cordeiros e montar a cavalo; Will ajudara-a nos estudos de geometria; Mary, da confeitaria, ensinara-a a fazer bolos. Patsy sorriu para si mesma, recordando o momento em que tentou ensinar a Lily a arte de aplicar pestanas postiças. Depois, foram ao pub, onde uma das tiras de pestanas acabou a flutuar na caneca de sidra de alguém, e acabou por ali; Lily não tentou usá-las novamente desde então.

Tendo cumprimentado Will e os clientes, ela dirigiu-se para o posto de Patsy.

— Olá. Feliz aniversário. — Patsy deu-lhe um beijo rápido na bochecha. — Tudo bem? — Todos sabiam da última carta de Jo.

— Tudo bem. — Lily mostrou-lhe a pulseira que usava no pulso. — Olha, a minha mãe deu-me um presente. — Ela assentiu com a cabeça, encontrou o olhar de Patsy e murmurou em surdina, *estou bem*.

— Ainda bem. — Patsy admirou a pulseira. — E a que devemos a honra?

— Sabes, eu queria usar os meus sapatos azul-escuros esta noite, mas um dos saltos está a cair. Então pensei que talvez me emprestasses os teus.

— Claro que sim. — Tinham combinado encontrar-se mais tarde no Star antes de saírem para jantar em Cheltenham. — Eu levo-os, sim?

Lily encolheu os ombros.

— Na verdade, é mais fácil se me deres a tua chave e eu for buscá-los agora.

Ah, como se *isso* fosse acontecer.

— A sério que não há problema — disse Patsy. — Eu levo-os logo à noite. — Agora ela sentia-se *realmente* uma agente secreta; nem pensar que ia dar a chave a Lily.

Lily disse:

— Ah, mas assim tinhas menos trabalho. E, sabes como é, podia experimentá-los e certificar-me de que me servem.

OK, estava na hora de acabar com aquilo.

— Experimentaste-os na semana passada. Já sabes que te servem. — Com uma expressão muito assertiva, Patsy disse: — Não te preocupes, eu levo-os logo à noite. *Ora bem*. — Virou-se para Erica e passou um pente pela parte de trás do cabelo. — Quanto é que disse que queria cortar?

## Capítulo 6

**T**inha corrido bem, só que não. A teimosia de Patsy fora um pouco intrigante, mas quando já estava na rua principal, Lily convenceu-se de que tinha descoberto o motivo provável. Patsy orgulhava-se de ter a sua casa sempre num primor de limpeza; o mais provável era que tivesse deixado a cozinha desarrumada, por uma vez, e estivesse envergonhada por não a ter limpadado.

Lily achava a ideia divertida; como se esse tipo de coisas tivesse importância para *ela*. Mas quando as pessoas tinham tendências obsessivo-compulsivas, não havia como as demover. Patsy gostava que tudo na sua casa estivesse impecável e perfeito, e teria ficado incomodada se sentisse que alguém de fora a tinha visto a não cumprir os seus elevados padrões.

Era mais um dos motivos pelos quais era provável que fosse aspirar debaixo da cama de Dan e encontrasse o envelope que ele não queria que ela encontrasse.

Aí estava uma coisa que tornava Dan tão especial: às vezes era tão atencioso. Organizar uma surpresa como aquela para Patsy era o tipo de gesto que muitos homens não se dariam ao trabalho de ter. Percebendo que não podia desistir, Lily tirou as chaves do bolso dos calções e abriu a porta do lugar do passageiro da sua carrinha. Tirou uma pequena bolsa de couro do porta-luvas, voltou a descer e correu para o outro lado da rua. Quanto mais cedo recuperasse o envelope, mais cedo poderia relaxar e esquecer.

Banner Lane, que dava para a rua principal, era estreita e curvava para a esquerda. Cada uma das casas estava recuada, com longos caminhos a separá-las dos portões, e árvores e arbustos nos jardins que davam total privacidade aos habitantes.

Não que os vizinhos fossem provavelmente ligar para a polícia se algum deles a visse invadir a casa de Patsy, mas ainda assim era mais fácil fazê-lo sem público.

Além disso, contava como invasão se não estragasse nada?

Junto à porta da frente, Lily abriu o fecho da bolsa de couro estreita e selecionou duas das ferramentas de aço para a tarefa em mãos. Abrir fechaduras era uma habilidade que Nick lhe ensinara na adolescência; quando se trabalha num ferro velho, é útil. Arcas, gavetas, caixas e escrivainhas fechadas apareciam regularmente sem as chaves e precisavam de ser abertas. Era um truque útil, aprendido com meses de prática à mesa da cozinha com uma variedade de cadeados antigos. Uma pessoa que não tenha equipamento profissional, pode abrir fechaduras normais com uma fina tira de metal cortada de uma lata de bebidas e um clipe.

Inclinando-se, Lily deslizou a primeira gazua para dentro da fechadura da porta da frente. Ouviu os minúsculos cliques que o instrumento fazia ao arranhar as paredes internas.

OK, não era a fechadura mais básica do mercado, mas com um pouco mais de trabalho, ainda assim seria capaz de a abrir. Deu um empurrão na porta com a palma da mão esquerda, depois agarrou a borda do rosto da fechadura e puxou-a para si antes de escolher outra gazua e tentar novamente. Por um momento, teve uma sensação estranha, como se estivesse a ser observada, e teve de se virar para confirmar que não havia ninguém no caminho atrás dela.

Mas era apenas a sua imaginação hiperativa; claro que não estava ali ninguém.

Passaram mais 30 segundos, e então Lily ouviu o clique final que aguardava. Bingo. A fechadura retraiu-se, ela empurrou a porta e...

Ela fechou-se na sua cara.

*O quê?*

Lily olhou para a porta. Não se tinha fechado. Alguém a tinha empurrado.

Do lado de dentro.

Ela pestanejou. Definitivamente não era Patsy. E não poderia ser Dan. Ou poderia? Não, Dan não podia ter saído do avião e corrido até ali para lhe pregar uma partida estúpida.

A medo, perguntou:

— Quem está aí?

Ao não obter resposta, bateu com os punhos na porta e gritou:

— O que se passa?

Nada.

Por via das dúvidas, só para o caso de Dan estar apenas a fingir que ia voar hoje, levantou a voz e perguntou:

— Dan, és tu?

Silêncio.

OK, isto era ridículo; haveria realmente alguém dentro de casa ou seria imaginação dela? Talvez uma janela aberta nas traseiras da casa tivesse causado uma corrente de ar, *dando a ideia* de a porta da frente estar a ser fechada por uma mão invisível?

É que se ela chamasse a polícia e eles encontrassem a casa vazia quando chegassem, Lily parecia uma perfeita idiota.

Quanto mais pensava sobre o assunto, mais provável lhe parecia que tivesse sido o vento. Ainda segurando as gazuas, enfiou a segunda na fechadura para reiniciar o processo.

— Afasta-te da porta — avisou uma voz grave masculina do lado de dentro — ou eu chamo a polícia.

O quê? *O quê?* Dando um salto para trás como se tivesse sido electrocutada, Lily olhou em frente, incrédula.

— Estou a falar a sério. Chamo a polícia se não te afastares desta casa.

— Espera lá — disse Lily, alimentada por uma indignação repentina. — *Tu* é que vais chamar a polícia? Afinal do que é que estás a falar? *Eu* é que vou chamar a polícia!

— OK, acalma-te. Não chames. — Houve uma pausa, então a voz disse: — Quem és tu?

Céus, a lata daquele tipo.

— Isso não importa, quem és *tu*?

— Estou aqui hospedado. Sou um hóspede da Patsy.

— Bem, isso é uma rotunda mentira, porque acabei de falar com ela, e ela ter-me-ia dito. — Afastando-se um pouco mais da porta, pois, apesar de ele não soar perigoso, nunca se sabe, Lily pegou no telemóvel. — OK, vou ligar para o serviço de emergência.

— Não.

— Tarde demais. Estou a ligar. — As mãos de Lily tinham começado a tremer subitamente. Nunca tinha ligado para o serviço de emergência, e agora marcara 666 por engano, que era provavelmente o número para onde se ligava quando se precisava de um exorcismo urgente.

Nesse momento, a porta da frente abriu-se e a voz disse:

— OK, por favor, não faças isso. Eu não estava a mentir. Estou autorizado a estar aqui, juro.

Há uns dois anos, Lily estava no trabalho a mover um monte de molduras vitorianas quando alguém atrás dela lhe perguntara quanto custavam. Virando-se para responder, vira-se cara a cara com o vice-primeiro-ministro. Foi um daqueles momentos completamente surreais quando vemos uma pessoa que só conhecemos da televisão, mas que de repente está fora do ecrã, saiu de trás do vidro e habita inesperadamente o mundo real.

Noutra ocasião estava a fazer uma entrega em Oxford, sentada na carrinha à espera de que o semáforo mudasse de cor, e a rapariga das sobranceiras farfalhudas que apresenta a meteorologia na televisão atravessou a rua à frente dela. Como qualquer pessoa normal.

Nenhuma dessas experiências, no entanto, se comparava com esta. Uma apresentadora da meteorologia e um político de meias e sandálias não se equiparavam ao que estava a acontecer.

Se é que estava *realmente* a acontecer e ela não estava a ter um sonho especialmente vívido.

Mas, a sério, que raio estava Eddie Tessler a fazer na casa de Patsy?

Com os olhos semicerrados e uma expressão nitidamente desagradada, ele verificou que não havia mais ninguém à vista e disse:

— O melhor é entrares. — Como se não houvesse nada que lhe agradasse menos.

Ele voltou para dentro, virou-se, esperou que Lily o seguisse e fechou a porta firmemente atrás dela.

Sinceramente, não era de surpreender que não quisesse ser visto. No que dizia respeito à maioria das pessoas, Eddie Tessler estava atualmente no topo da lista dos mais procurados.

Apenas dois ou três anos antes, ele atraía a atenção do público ao escrever um guião que vendeu a um dos maiores estúdios e ao protagonizar o subsequente filme, que se viria a revelar um êxito de bilheteira. Antes disso não passava de um ator desconhecido, a trabalhar intermitentemente, sem dinheiro, sem perspectivas e com um apartamento decadente de um só quarto em Camden. Mal o filme foi lançado, Eddie Tessler viu-se catapultado para o estrelato mais ofuscante, praticamente da noite para o dia. A sua vida sofreu uma grande mudança, com todo o reconhecimento que recebeu; de repente todos queriam saber tudo acerca dele e ele deixou de ter vida privada.

Em pouco tempo começou a achar a interminável atenção demasiado irritante.

Então, na semana anterior, deu-se a grande revelação. Descobriu-se que ele supostamente estava a ter um caso secreto com a coprotagonista do seu terceiro filme. A coprotagonista que por acaso era casada com um ator/realizador *muito* importante, e que não ficou nem um pouco satisfeito ao descobrir que a sua jovem esposa parecia andar a traí-lo. A imprensa enlouqueceu, os *paparazzi* perseguiram todos os envolvidos em grupos cada vez mais excitáveis, e um deles acabou por ser derrubado da sua moto. Então, há menos de 24 horas, Eddie conseguiu despistá-los. Desapareceu, e ninguém sabia onde ele estava. Havia até quem dissesse que o furioso ator e realizador podia ter usado alguns dos seus contactos duvidosos na máfia italiana para lhe tratar da saúde.

Mas isso claramente não tinha acontecido, porque ele estava ali.

De todos os esconderijos bizarros do mundo, ele escolhera a casa de Patsy em Stanton Langley, Cotswolds.

Como qualquer pessoa faria.

## Capítulo 7

— **P**reciso que me façás um favor — disse Eddie Tessler. — Podes desligar o telemóvel e pô-lo num lugar onde eu o veja?

— Sem sequer me pedir por favor? — respondeu Lily. — Não me parece.

Afinal de contas, as boas maneiras ainda contavam para alguma coisa.

Ele observava-a atentamente.

— Desculpa. *Por favor.*

— Porque é que o faria?

— Porque eu não quero que me fotografes. Hoje em dia parece que as pessoas não sabem fazer mais nada. — Fez uma pausa, passando os dedos pelos longos cabelos castanho-claros e depois repetiu: — Por favor.

Lily desligou o telemóvel e pousou-o na mesa entre eles.

— OK, o que é que estás a fazer aqui?

— Estou escondido, como é óbvio. E tu? — Ele olhou diretamente para o estojo que ela tinha na mão. — Porque é que estavas a arrombar a fechadura?

Na verdade, era uma pergunta razoável. Estavam frente a frente agora, ambos cautelosos, não confiando nem um pouco um no outro.

— A Patsy é minha amiga. Estive com ela ainda há uns minutos. Ela não quis emprestar-me a chave e eu não compreendi porquê, mas precisava de entrar aqui.

— Porque é que estavas tão desesperada para entrar aqui?

Se ele podia ser tão frontal, então ela podia fazer o mesmo.

— Para a impedir de encontrar uma coisa que o irmão deixou fora do lugar por acidente.

— Drogas, queres tu dizer?

— Não! — Lily lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Uma pistola?

— Estás louco? — Desta vez, ela lançou-lhe um olhar preocupado.

— Porquê? Encontraste uma pistola?

Ele abanou a cabeça.

— Estou só a imaginar o que é que ele deixou fora do lugar que não quer que a irmã veja.

— Para de tirar conclusões precipitadas. Está no quarto dele. Se me deres dois minutos, eu vou lá buscá-lo.

— É o meu quarto, atualmente — respondeu Eddie Tessler. — Eu vou contigo.

— Porquê? Achas que te vou roubar as cuecas?

Outro olhar; ele claramente ainda não confiava nem um pouco nela.

— Eu não sei nada sobre ti. Não sei o que podes tentar fazer.

Ele seguiu-a pelas escadas e pelo patamar, e Lily sentiu o cheiro do seu *aftershave*. Era realmente uma sensação estranha, estar tão perto de alguém que só vira no cinema até então. Ele podia ser apenas três anos mais velho que ela, mas as suas vidas eram mundos separados.

No quarto de Dan havia uma única mala no chão por baixo da janela. As cortinas estavam fechadas, a cama tinha sido usada e o edredão ainda estava amarrotado. Ela ajoelhou-se, levantou a cobertura da cama e viu imediatamente o envelope, fora do seu alcance.

Mais uma sensação estranha, a de se deitar na alcatifa e estender o braço para debaixo da cama até ao ombro, enquanto uma Pessoa Muito Famosa a observava.

Os dedos de Lily tocaram na ponta do envelope e ela conseguiu recuperá-lo, contorcendo-se enquanto recuava, como se fosse um franco-atirador ao contrário, e ciente de que tentara fazê-lo sem espetar o rabo no ar.

Finalmente saiu de debaixo da cama e pôs-se de pé, mostrando o envelope aberto a Eddie Tessler.

— Aqui está. E só para que saibas, eu não te teria roubado as cuecas.

— O que é isso?

— Bilhetes para a Beyoncé no O2. São uma surpresa para o aniversário da Patsy. Satisfeito?

— Porque é que haveria de estar satisfeito?

— Por nada. — Chixa, o tipo estava mesmo tenso. — Seja como for, só não digas à Patsy, senão estragas a surpresa. Promete-me.

Ele lançou-lhe um olhar, e depois assentiu com a cabeça.

— Está bem. Prometo.

— Pronto, não custou assim tanto, pois não?

— E tu tens de prometer que não contas a ninguém que estou aqui. Lily encolheu os ombros.

— OK.

— A ninguém mesmo.

— Eu ouvi-te da primeira vez.

— O que é que vais fazer agora? — Ele seguiu-a pela escada abaixo.

— Vou voltar para o trabalho.

— Ainda não. Fica mais um pouco.

— Porquê?

— Quero conversar contigo.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Porque não confias em mim.

— Sim.

— Acabei de te dar a minha palavra.

— Vê as coisas desta forma: As pessoas costumam dizer coisas que não querem dizer, e fazer promessas que não tencionam cumprir.

— Mas eu não.

Eddie Tessler fez uma pausa, e depois disse:

— Podes ficar, ainda assim? Para tomar um café ou algo do género? Ainda nem sei o teu nome.

Ele não estava claramente a falar com um tom sedutor.

— Lily. Lily Harper.

— OK. — Um aceno de cabeça, depois um breve sorriso que reconhecia a estranheza da situação. — Eu sou o Eddie.

O que era um pouco como a rainha dizer: «Olá, eu sou a rainha». Lily disse:

— Ainda não entendi o que estás a fazer aqui. — Ela apontou para a casa. — De onde é que conheces a Patsy?

Ele foi à cozinha, colocou duas chávenas na máquina do café e ligou-a.

— Não a conheço. Fui ficar a casa do meu pai ontem e os *paparazzi* chegaram lá antes de mim. Então, pensámos que eu poderia ter mais sorte se ficasse nalgum lugar que não tivesse a menor ligação comigo. E resultou mesmo bem — acrescentou ele, secamente.

— Ainda não entendi. Apontaste a um número à sorte na lista telefónica, ligaste para o número da Patsy e perguntaste se podias ficar na casa dela?

— Não é bem assim. A irmã da minha assistente estava a arranjar-lhe o cabelo ontem quando liguei para dizer que tinha chegado à casa do meu pai e os *paparazzi* estavam lá. O nome da irmã dela é Rose... não, Rosa...

— Oh, eu conheço a Rosa! Ela costumava viver aqui... ela trabalhou para a Patsy!

— Exato. Então, a minha assistente estava a dizer que ia tentar encontrar um lugar onde eu pudesse ficar e onde pudesse manter-me escondido, e a Rosa pensou neste lugar. Ela sabia que tinha privacidade total, e que a Patsy era de confiança e não contaria a ninguém.

— Bem, isso é verdade. Ela nem me contou a mim. — O que era impressionante. E um pouco frustrante.

— Ainda bem. Espero que sejas igualmente de confiança.

— Lá estás tu outra vez — disse Lily, irritada. — Na verdade, o facto de estares sempre a dizer esse tipo de coisas não ajuda muito. É mais provável teres-me do teu lado se me disseres que *confias* em mim.

— Eu sei. Desculpa, outra vez. — Ele expirou. — Mas se tivesses vivido o tipo de vida que eu tive nos últimos dois anos, entenderias porque sou assim.

— Coitado de ti. — Lily sorriu e certificou-se de que só soara *um pouco* sarcástica.

— Sim, OK. Mas não é tão maravilhoso como as pessoas pensam, toda a gente a saber quem somos e a terem uma opinião sobre cada coisa que fazemos.

Ela pegou na chávena de café que ele lhe estendeu e disse:

— Deve ser irritante. Especialmente se há coisas que não queres que descubram. — *Como ter um caso com uma colega casada.*

— Vamos falar antes de ti? — Mudando de assunto, Eddie Tessler sentou-se e disse: — Então, e como é que tu conheces a Patsy?

— Bem, para começar, estamos em Stanton Langley. O que significa que toda a gente conhece toda a gente. Mas a Patsy era a minha ama quando eu era pequena. Ela tem sido como uma irmã mais velha para mim desde essa altura.

— Ela faz-te permanentes para te deixar o cabelo assim? — Ele fez gestos em espiral com a mão que tinha livre.

— Não. O meu cabelo faz isto sozinho.

— E onde é que trabalhas?

— Na Goldstone Salvage and Treasure, na rua principal. É uma empresa de salvados.

— Eu não vi a rua principal. A minha assistente trouxe-me para aqui ontem à noite. O que fazes lá?

— Tudo o que é preciso. Encomendas, entregas, obter artigos para clientes, comprar em leilão, administrar o site... nós também vendemos pela Internet e enviamos para todo o mundo. — Lily bebeu um gole de café e olhou para o relógio. — A Coral deve estar a perguntar-se onde estou. Eu devia voltar.

— OK. — Eddie Tessler parecia querer dizer algo mais, mas tinha mudado de ideias. — Bem, já tens o que vieste buscar. — Ele apontou para o envelope que ela tinha no bolso. — Suponho que é melhor não mencionar o nosso encontro à Patsy.

Oh, céus, aquilo podia ser complicado; agora que Lily sabia que ele estava ali, queria poder conversar com Patsy sobre o seu inquilino secreto. Pousando a chávena, ela disse:

— Eu fingi que precisava da chave para poder vir buscar os sapatos dela para levar emprestados esta noite. Porque é que não os levo comigo, e assim podes dizer-lhe que nos conhecemos?

Ele assentiu com um aceno de cabeça.

— Seria mais fácil. Onde estão os sapatos?

— No guarda-fatos da Patsy. Eu vou buscá-los. — Quando ele se levantou da cadeira, Lily disse: — Está tudo bem, não precisas de me seguir.

Ela encontrou os sapatos — azul-escuros, de salto alto e fabulosos — e levou-os para o andar de baixo. O olhar de Eddie Tessler examinou-a como se estivesse a certificar-se de que ela não estava a fugir com nenhuma outra coisa.

Lily deu palmadinhas nos bolsos dos calções, levantou os sapatos e abriu as mãos.

— Vês? Não levo cuecas nenhuma.

Palavras que ela nunca imaginara dizer a uma estrela de cinema.

Eddie Tessler levantou uma sobrancelha.

— A menos que as tenhas vestidas.

— Ah, bem. Isso nunca vais saber.

Um vislumbre de um sorriso.

— Até eu subir ao andar de cima e contar quantas ainda estão na minha mala.

Lily não conseguiu conter-se; desatou a rir.

— Seja como for, prazer em conhecer-te. Eu nunca tinha falado com uma pessoa famosa.

— Também foi um prazer conhecer-te. — Ele apontou para os sapatos que estavam pendurados pelas tiras finas na mão esquerda de Lily. — Onde vais esta noite? A algum lugar especial?

— Muito especial. Vou jantar em Cheltenham com a Coral e a Patsy. Depois, devemos voltar para tomar uns copos no Star. — Devia soar incrivelmente provinciano para uma pessoa habituada ao estilo de vida dele.

Ele assentiu, recordando.

— A Patsy disse que ia comemorar o aniversário de alguém esta noite.

— E vai. — Lily acenou com uma bandeirinha imaginária. — Feliz aniversário para mim!

Milagre dos milagres, outro breve sorriso.

— Feliz Aniversário.

— Obrigada. OK, vou andando. Boa sorte para te esconderes de toda a gente. Quanto tempo achas que vais ficar aqui?

— Não faço ideia. Até ser descoberto, suponho. — Ele estava a lançar-lhe outra vez aquele olhar irritante, que dizia que se fosse descoberto, a culpa era dela. — E se isso acontecer, eu posso ter de contar à Patsy dos bilhetes para a Beyoncé.

Foi a vez de Lily lhe lançar um dos *seus* olhares. Ela abriu a porta da frente.

— És mesmo doce — disse ela.

Não tivera tempo antes, mas no andar de cima, depois do trabalho, Lily sentou-se na cama e procurou o nome de Declan Madison no *Google*.

Preparou-se mentalmente para a desilusão. Ele podia estar morto, ou ser um *serial killer*, ou simplesmente não merecer uma menção na Internet. Ela respirou fundo e carregou em «procurar»...

E então, como por magia, os detalhes apareceram no ecrã. O coração de Lily começou a bater com força e um formigueiro espalhou-se pelos seus dedos, porque ele ainda estava vivo e ela tivera tanto medo que não estivesse. Não havia fotografia, mas soube instintivamente que aquele era o Declan Madison certo.

Era ele.

# Poderão os erros do passado trazer nova esperança ao futuro?

**N**o dia em que faz 25 anos, Lily abre uma carta especial da mãe. Antes da sua morte, quando Lily tinha apenas 8 anos, Jo deixara várias cartas escritas à filha, para serem lidas no dia do seu aniversário — uma por ano —, e esta era a última. Nela, Jo revela a Lily a identidade daquele que foi o verdadeiro amor da sua vida, o que a deixa muito curiosa e desejosa de encontrá-lo e descobrir mais sobre a vida da mãe na juventude.

Ao saber que Lily o procurava, Declan vai ao encontro dela na pequena vila de Stanton Langley, para lhe confessar que também Jo tinha sido o seu grande amor. Mas a visita de Declan torna-se especial não só para Lily como também para aqueles que a rodeiam, e as lembranças do passado acabarão por trazer à tona novos sentimentos, alguns deles anteriormente reprimidos.

Além de Declan, há outra pessoa a surgir na vida de Lily. Eddie Tessler, um ator famoso em busca de paz e tranquilidade, encontra na pequena vila um porto de abrigo e acaba por também ele ser responsável por virar o mundo de Lily do avesso, sob o olhar atento de Dan, o seu amigo de infância, que tem as suas razões para não querer que ela se deixe levar.

Leia  
também:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-807-3



9 789896 688073

Ficção Romântica